

1974

SÉRGIO CAPARELLI

Uma louca e arriscada experiência

Após 34 anos, o repórter Sérgio Capparelli relembra as horas em que esteve internado no Hospital São Pedro, passando por indigente anônimo e portador de doença mental

Início de carreira, ainda jovem, após uma aventura pela Europa, o repórter Sérgio Capparelli teve uma idéia louca e arriscada: fingir-se de doente mental e ser internado no Hospital Psiquiátrico São Pedro. O resultado foi uma série de quatro reportagens de grande impacto num jornal de vanguarda da época, a Folha da Manhã, da antiga Caldas Júnior. O ano era 1974. A matéria conquistou o primeiro lugar no Prêmio ARI de Jornalismo. Aqui, o relato daquela experiência maluca, escrito pelo próprio repórter mais de três décadas depois.

OBJETIVO DA REPORTAGEM

Quando pensei na reportagem, meu objetivo era mostrar a violência da instituição psiquiátrica contra a loucura, num tempo em que hospitais como o São Pedro tinham mais de 5 mil internos, repartidos em diversas alas. No caso do São Pedro, uma dessas alas chamava a atenção, a dos indigentes. Internei-me então como indigente para relatar o dia-a-dia dessas pessoas. Primeiro, no entanto, teria de ser admitido na instituição como alguém com problemas mentais e poder assim conviver com outros 500, como eu, mas alguns certamente em muito melhor situação.

Fazia um mês e pouco que eu tinha retornado da Europa onde durante muito tempo vagara de um lugar para o outro, às vezes dormindo debaixo de pontes, na Áustria, na Alemanha ou na Suécia. E naquela época eu lia muito sobre antipsiquiatria, assistindo às palestras em Londres de Ronald Laing ou David Cooper, ou recuperando as idéias sobre o coletivo de Heidelberg, quando, nos anos da contracultura, os loucos tinham se revoltado e eles próprios decidiram administrar o hospício.

O repórter Renato Pinto da Silva me levou ao hospital. Eu vestia uma calça remendada com couro, uma jaqueta do exército israelense que tinha encontrado numa casa em Paris e um livro intitulado “Tratado Geral de Magia Prática”, do meu colega de apartamento em Porto Alegre. Primeiro, falou o repórter que me acompanhava, contando à psiquiatra que eu era estudante de História, que tinha me apaixonado por uma menina e viajado com ela para Salvador, na Bahia, onde tínhamos nos separado. Voltara a Porto Alegre sem documentos, tinha me trancado no banheiro e quebrado a pia, sem comer e sem beber. “Como não tem família aqui e está sem documentos, decidi que seria melhor interná-lo”, disse o meu colega.

PSICOMANÍACO DEPRESSIVO

A médica-psiquiatra me olhou demorada e detidamente e perguntou: “Você sabe, Sérgio, você sabe por que está aqui?” Eu olhei para o meu prontuário acompanhando o conjunto de números que ela escrevia, com sua letra esquiva, e que, dali em diante, seria a minha identificação. Então, de olhos arregalados, solvei um “Ah?” interrogativo. Ela em seguida me internou como psicomaníaco depressivo. A médica estava certa, porque naquela época deveria estar mesmo psicomaníaco depressivo e ela apenas acreditava no que estava relatando meu amigo.

Fiquei internado 36 horas no Hospital São Pedro. Era para ficar mais tempo, mas logo me dei conta de que 1) os loucos não eram fontes fidedignas para minhas entrevistas; 2) a comida que tinham me servido era de qualidade superior à da Casa do Estudante; 3) tive medo de dormir sozinho no grande dormitório com 500 loucos e um atendente, até porque me tinham dito, cuidado, muito cuidado, você vai dormir eles chegam e crã! Além disso, uma boa religiosa havia me roubado meu inseparável “Tratado Geral de Magia Prática”, onde fazia minhas anotações.

Sair dali, portanto, era meu propósito maior. E revelei: “Sou jornalista, quero ir embora”. A mulher me olhou com pouco interesse, bateu nas minhas costas com delicadeza e falou: “Tudo bem, jornalista, mas agora desocupa a enfermaria e vai para o pátio tomar sol”. Só então me dei conta de que essas representações de papéis que os jornalistas fazem, em busca de grandes reportagens, podem ser muito perigosas, o que, aliás, penso até hoje. Mas não fui tomar sol e deixei o hospital umas cinco horas depois.

